

# **ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA**

**PROF. FREI ARNO FRELICH, OFM**

## **MARIOLOGIA**

O texto que segue faz parte do Curso de Teologia a Distância, publicado no jornal “Correio Riograndense”, de 17 de setembro a 26 de novembro de 2008, e, posteriormente, publicado como parte do livro “Caminhos da missão”, em 2009, pela ESTEF. Coloco aqui como subsídio para o estudo de Mariologia.

**PORTO ALEGRE, 2011**

## SUMÁRIO

<b>1 MARIA</b> .....	<b>4</b>
1.1 Por que conhecer Maria? .....	4
1.2 Como conhecer Maria? .....	6
1.3 O que atrapalha?.....	7
1.4 Uma observação .....	8
<b>2 NO CENTRO ESTÁ JESUS CRISTO</b> .....	<b>9</b>
2.1 A mãe do Messias .....	9
2.2 De mãe à discípula.....	10
<b>3 A OUSADIA DE COLABORAR</b> .....	<b>11</b>
3.1 Colaboradoras do Divino .....	11
3.2 A grande colaboradora .....	12
<b>4 É POSSÍVEL UMA "NOVA" ALIANÇA</b> .....	<b>14</b>
4.1 A Aliança entrou na monotonia.....	14
4.2 Deus reaviva a aliança.....	15
<b>5 FAZENDO A NOVA ALIANÇA</b> .....	<b>16</b>
5.1 Fazendo memória .....	16
5.2 Fazendo comunhão.....	17
<b>6 MARIA: SÍMBOLO DO POVO DE DEUS</b> .....	<b>18</b>
6.1 Símbolo de missão .....	18
6.2 Símbolo de profecia .....	19
<b>7 MARIA MÃE DO HOMEM-DEUS</b> .....	<b>20</b>
7.1 Há quem não crê .....	20
7.2 Há quem crê .....	21
<b>8 A QUESTÃO DA VIRGINDADE</b> .....	<b>22</b>
8.1 Virgem e Mãe .....	22
8.2 Re-significando o dogma .....	23

<b>9 DEUS AINDA FALA COM SEU POVO .....</b>	<b>24</b>
<b>9.1 A Imaculada .....</b>	<b>24</b>
<b>9.2 A Assunta.....</b>	<b>25</b>
<b>10 CELEBRAR MARIA É CELEBRAR A VIDA COM DEUS.....</b>	<b>26</b>
<b>10.1 No mistério de Cristo .....</b>	<b>26</b>
<b>10.2 No mistério da Igreja .....</b>	<b>27</b>
<b>11 “EM TUA LUZ CONTEMPLAMOS A LUZ” (SAL 36,10).....</b>	<b>28</b>
<b>11.1 A maternidade.....</b>	<b>28</b>
<b>11.2 Aprofundando a Devoção.....</b>	<b>29</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>30</b>

## **1 MARIA**

Ao ouvirmos ou pronunciarmos o nome de Maria nossa mente e nosso coração se enchem de sentimentos e de reflexões. Todo um imaginário de devoção e de fé povoa nosso ser.

Ao longo da história encontramos muitas pessoas que se interessaram em buscar compreender a pessoa e a função de Maria no plano de Salvação. Encontramos milhares de pessoas que se relacionam com a Mãe de Deus pela devoção pessoal e comunitária, nem sempre aprofundando ou interessando-se em aprofundar a compreensão do papel mariano no conjunto do projeto divino. Encontramos também pessoas que não criaram vínculos com Nossa Senhora e não sentem essa necessidade. Encontramos também quem pergunte o porquê de tanto interesse.

### **1.1 Por que conhecer Maria?**

“Maria está no coração da história da salvação” (LG 65). Ela é a mulher que nos ajuda a contemplar o mistério do ser humano e da Igreja por dentro, a partir da encarnação. Com o seu sim, ela se associa intimamente a Deus Trindade, colaborando plenamente para a realização do projeto salvífico. Essa união íntima a coloca em um lugar singular, o coração da história. Esse coração é o próprio Jesus Cristo. Nele o ser humano encontra a sua própria identidade (GS 22). Conhecer Maria é entrar no coração. Olhar para ela é olhar para o Verbo Encarnado, é contemplar o mistério do Deus que se faz pequeno e humano, frágil e despojado, cheio de amor pela criação.

Conhecer Maria é percorrer o caminho da identidade do ser humano, pois nela os fios da teia do mistério da vida se entrecruzam e se ligam com o divino. Ela é a criatura humana em comunhão com o Criador. Comunhão harmoniosa que refaz a origem (Gn 1-2) e não quebra nem diminui a liberdade da criatura, mas a enriquece e a plenifica.

Olhar para Nossa Senhora é olhar para a mulher que aponta para a possibilidade da liberdade humana colocada em sintonia com Deus. Ela é a mulher que acredita no Deus libertador. Ela acredita em Javé (Ex 3,7-10).

Deus se revela nessa mulher.

Em Maria se reflete o amor de Deus pela criação, passando pela criatura humana. Assim, ela não é uma figura a parte na fé, mas alguém que esclarece, auxilia, sinaliza...

O teólogo Clodovis Boff, em seu livro "Introdução à Mariologia", nos coloca ainda outros objetivos para o conhecimento de Maria:

a. Existe um porquê espiritual: crescimento no amor e na devoção. Conhecer Maria nos faz crescer na nossa devoção em relação à Mãe de Deus, também em relação ao próprio Deus. A devoção mariana não para na pessoa de Maria, é sempre voltada à Trindade, diz o Papa João Paulo II. Crescer na devoção e no amor por Maria é crescer no amor e na devoção pela humanidade e pela criação, amadas por Deus. Daqui poderemos tirar compromissos comunitários, solidários, ecológicos...

b. Existe um porquê moral: conhecer Maria para imitá-la. Este motivo talvez seja o mais belo e também o mais difícil, pois é o mais conflitivo. Normalmente, conhecemos pouco de Maria e até nos espantamos quando nos aprofundamos em sua vida. Maria é a mulher que teve o coração traspassado pela dor (Lc 2,35), teve a vida "virada e revirada" tantas vezes por Deus (seu Filho) e seus seguidores, sempre aprendendo, sempre dando passos, se mantendo fiel no caminho.

c. Há um motivo cultural: celebrar de modo adequado liturgicamente e devocionalmente Nossa Senhora. Mais uma vez João Paulo II nos lembra que a verdadeira celebração leva a Deus Trindade, mesmo quando celebra Maria. Muitas celebrações litúrgicas e devocionais, ao longo do ano, lembram aos cristãos a presença, a fé, a força, o exemplo, as graças, a intercessão da Virgem santa. Nessas celebrações, à medida que aprofundamos o conhecimento da vida da Mãe do Senhor, vamo-nos dando conta de que ela nos estende a mão por estar do nosso lado, voltada para Deus como nós e conosco.

d. Há um porquê pastoral: ter a capacidade de evangelizar, de comunicar o sentido de Maria ao Povo de Deus e à sociedade. O conhecimento sobre Maria não pode ficar preso no coração de cada um. Quem aprofunda sua fé, seu conhecimento, sua celebração, sua espiritualidade em torno da pessoa de Maria torna-se, pouco a pouco, testemunha do Evangelho do Senhor Jesus. Entra em diálogo com o Povo de Deus, a partir de sua comunidade, e com a sociedade. Conhecer Maria é abrir-se ao diálogo evangelizador. Isso significa: estar pronto para dar razões da própria fé (1Pr 3,15), sem desvalorizar a fé dos outros; acolher as diferenças, buscando enriquecer a vida. Nesse diálogo evangelizador o Concílio Vaticano II convida a olhar para Maria como a intercessora pela unidade entre todos os cristãos (LG 69).

Aqui inicia o compromisso ecumênico. Maria nos leva a pensar seriamente no ecumenismo e no diálogo inter-religioso, mesmo que "os outros" não gostem de, não rezem a, não cultuem Maria.

## 1.2 Como conhecer Maria?

Maria se encontra no coração da história da salvação, no coração do mistério. Mistério não é algo desconhecido, mas é algo que se revela, que quer ser conhecido. Mistério não é algo que nos causa medo, é algo que nos causa admiração. Diante do mistério é inevitável a atitude do silêncio, do silêncio contemplativo. Esse silêncio, porém, não é estático, pois gera uma força interior que transforma a vida, modifica, pouco a pouco, o pensamento e o coração. O mistério merece respeito e reverência. Maria faz parte do mistério. Conhecer Maria exige respeito e reverência. Isso não significa que não se pode tocar no mistério, que não se pode tocar em Maria. Congelar o mistério, não tocá-lo, colocá-lo numa redoma de vidro, isso sim seria falta de respeito e de reverência. Assim também com Maria.

Maria é uma mulher profundamente inserida na história da salvação, por isso, profundamente inserida na história de seu povo, tirá-la do seu tempo e de seu contexto é desrespeitá-la. Somente compreendendo-a no seu tempo e no seu contexto é que poderemos entender o seu significado para todos os tempos e para todos os contextos.

Nesse caminho existem algumas fontes que nos ajudam:

a. A bíblia: fonte principal de toda a teologia. A Palavra de Deus, lida ao longo dos séculos, é critério fundamental para o conhecimento de Maria. Sempre lida dentro da Tradição eclesial, não esquecendo a diversidade de enfoques, que enriquece e ilumina o conhecimento e a espiritualidade.

b. O “sensus fidelium”, ou seja, aquela sensibilidade nascida da fé mais profunda e genuína consensual dos fiéis. Essa sensibilidade ao longo dos tempos contribuiu para compreender a revelação divina continuada na vida concreta das comunidades, também na pessoa de Maria.

c. A Tradição: primeiros teólogos, chamados de Padres da Igreja ou Santos Padres, e teólogas, hoje chamadas de Mães da Igreja, e a liturgia. Duas fontes que se unem numa vertente de vida de fé: teologia original e liturgia. A Igreja celebra o que crê e crê o que celebra.

d. O Magistério pastoral: Concílios, Santa Sé, ensinamento e pregação dos pastores reunidos ou individualmente. Os que foram constituídos pastores da Igreja exercem uma função de ensino e, por isso, ajudam a compreender a revelação divina.

e. A Teologia: estudo e reflexão sistemática e crítica da doutrina e da fé da Igreja. A teologia e a “ferramenta” usada para aprofundar de modo crítico o conhecimento e a fé em Deus.

Essas fontes sozinhas não têm força. Elas precisam ser trabalhadas com métodos. Um primeiro método quem nos sugere é o Concílio Vaticano II, quando, ao falar do método teológico no documento *Optatam Totius*, ao número 16, cita São Boaventura: “(Ninguém) pense que basta a leitura, sem unção, a especulação, sem devoção, a pesquisa, sem admiração, a observação, sem a exaltação, a arte, sem a piedade, a ciência, sem a caridade, a inteligência, sem a humildade, o estudo, sem a graça divina, a contemplação, sem a sabedoria divinamente inspirada”. Aqui se lembra a necessidade de unir fé e razão, colocando o acento na devoção. O estudo sobre Maria somente será frutuoso se for feito com devoção. Quando puramente racional, o conhecimento sobre Nossa Senhora se torna seco, árido e leva à profunda crise de fé e de relacionamento com Deus.

Outro método nos é dado pela Igreja Latino-americana e, de modo especial, vem sendo usado pela CNBB em seus documentos pastorais. É o método que parte da vida, constatando as realidades sensíveis, as fragilidades, as necessidades, as alegrias, as forças, passando para a iluminação da palavra de Deus e da fé, identificando o que Deus tem a dizer sobre o constatado na vida. Por último, olhando para a vida e para Deus, se busca a resposta sobre o que é possível fazer. Esse método ficou conhecido como: ver, julgar e agir. Hoje acrescentamos a esse método avaliar e celebrar, pois nosso conhecimento deve ser aprofundamento da fé (conhecimento da vida e iluminação de Deus), evangelização (transformação da vida), re-proposta de ação (avaliação para continuar aprofundando e transformando a vida) e celebração (comunhão cada vez mais plena com Deus e com os irmãos e as irmãs na fé).

Podemos tentar resumir: o conhecimento de Maria será tanto mais legítimo, quanto mais aprofundado nas fontes a partir da vida com devoção.

### **1.3 O que atrapalha?**

É importante ter consciência que algumas coisas atrapalham o conhecimento de Maria.

a. Uma atitude espiritualizante. Pensar que tudo deve ser visto somente do ponto de vista espiritual é um erro muito comum no estudo sobre Maria. Ela é pessoa completa. Deus não tirou a sua vida na história, na sociedade de Israel, no seu tempo.

b. Uma atitude maximalista. Colocar Nossa Senhora como o “máximo”. Ao longo da história ocorreram exageros. Ela é importante. Ela ocupa um lugar singular. Porém, se deve tomar cuidado para não colocá-la no lugar de Deus. Sua função, como a de qualquer criatura, é subordinada a Cristo. Ela mesma diz “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

c. Uma atitude minimalista. Já que não é o máximo então é o mínimo. Também ocorreu na história e também não é correta. Ela está no coração da história.

d. Uma atitude puramente devocional. Por causa da devoção não se pode dizer nada que pareça ferir a honra de Maria ou que vá contra aquilo que se crê. É importante lembrar que nem sempre nossa devoção está construída corretamente e, por isso, muitas coisas irão nos questionar, mas não irão machucar Maria, pelo contrário irão honrá-la ainda mais, pois a farão verdadeiramente serva do Senhor, como ela mesma se chamou (Lc 1,38).

e. Uma atitude puramente racional. Com facilidade alguns jogam fora dados de fé que não entendem, simplesmente porque a razão não explica, esquecendo de “imitar”, Maria que guardava e meditava todas as coisas em seu coração (Lc 2,19.51).

#### **1.4 Uma observação**

As lições que seguem não têm a pretensão de trazerem uma reflexão acabada e completa sobre Maria. Também não têm a vontade de ser uma simples repetição do que já está dito em outros escritos, lançando o convite/desafio a buscar este conhecimento, partilhado por tantos autores e autoras, teólogos e teólogas devotados à Mãe de Deus. Existe muito material escrito em bibliotecas e livrarias, por autoridades eclesiais, por estudiosos e por pessoas simples, que contêm uma profundidade maravilhosa sobre a vida e o significado de Nossa Senhora na história e no plano de Deus. É verdade que também há muita coisa que deve ser vista com olhos atentos, pois carregam ressentimentos e enganos.

As reflexões propostas nos dez próximos encontros querem trazer propostas e questões que ajudem a ampliar horizontes, atendendo o convite, ainda ressoante, do ano jubilar de 2000: “Avança para águas mais profundas” (Lc 5,4). Distancia-te para águas mais abrangentes! Aprofunda a tua fé. Querem ser um convite a encontrar a novidade da graça que encheu a vida da Virgem de Nazaré, colocando a mesma possibilidade na vida das nossas comunidades, hoje.



## **2 NO CENTRO ESTÁ JESUS CRISTO**

“Começo da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus” (Mc 1,1). O Evangelho segundo Marcos inicia com uma proclamação de fé audaciosa: Jesus Cristo é o Filho de Deus.

Na tradição judaica, reis e profetas eram ungidos com óleo como sinal de que haviam recebido uma missão da parte de Deus. A palavra “Cristo”, em grego, e a palavra “Messias”, em hebraico, significavam “ungido”, e não tinham a denotação de divindade como para nós hoje.

Marcos, porém, está anunciando que esse ungido é o Filho de Deus. Proclama, portanto, a divindade desse homem: eis a revolução proposta pelo evangelista. A sua proclamação de fé continua com a apresentação de um Jesus que anuncia a Boa Notícia da proximidade do Reino (Mc 1,15). Convite acompanhado de sinais que conferem autoridade ao seu ensinamento (Mc 1,27). Esses sinais são atitudes concretas de Jesus, e são múltiplos ao longo do evangelho: a) manda nos espíritos maus; b) cura os enfermos; c) reúne multidões em casa; d) chama discípulos e constitui apóstolos; e) come com cobradores de impostos e pecadores; f) questiona a lei do sábado... Cada sinal orienta e questiona a quem acolhe a palavra do Messias e também a quem lhe faz oposição. É ilustrativo o trecho de Mc 3,1-6, no qual Jesus pergunta se a lei permite salvar ou deixar morrer no dia de sábado, e o evangelista encerra dizendo que os seus opositores saíram tramando a sua morte. Para eles, esse homem não poderia ser Filho de Deus. Ele mexe com a vida. Ele é “senhor do sábado” (Mc 2,28).

### **2.1 A mãe do Messias**

Esse Filho de Deus, “escandalosamente”, tem uma mãe (Mc 6,1-6). Ele é um ser humano de carne e osso. É igual a nós. Como pode ter tanta sabedoria? O fato de ele ser humano confere a seus adversários força de oposição, pois Deus é espírito, é único, não pode ter um filho, não pode misturar-se com os seres humanos, não pode ser tocado, não é acessível. Como pode Deus puríssimo nascer tendo contato com o sangue se a lei diz que o contato com o sangue torna impuro (Lv 12)? Mais uma prova de que Ele não pode ser Filho de Deus.

Marcos, porém, não esconde a filiação humana do Filho de Deus. Maria é lembrada como mãe de Jesus, colocando-o em relação com uma família, mostrando a pertença a um parentesco maior. Apesar de o evangelista não narrar a encarnação, ele sabe da centralidade desse mistério. É desconcertante um Deus que assume a vida humana! O evangelista confessa crer em um Deus encarnado. Maria é a mãe humana do Filho de Deus. Ela é a mãe que o introduz na história, na sociedade, na humanidade, nas relações, na fragilidade, na criação, lhe transmite sentimentos, cuidados, sofre por e com ele.

Até mesmo quando seus familiares não o compreenderam. Aqui necessitamos usar de nossa “imaginação”, ou melhor, de nosso conhecimento humano e afetivo. Como se sente uma mãe quando escuta: “foi para casa, e de novo se reuniu tanta gente que eles não podiam comer nem sequer um pedaço de pão. Quando souberam disso, os parentes de Jesus foram segurá-lo, porque eles mesmos estavam dizendo que Jesus tinha ficado louco” (Mc 3,21). Os sentimentos maternos saltam à flor da pele.

## **2.2 De mãe à discípula**

Não cabem dúvidas de que a pessoa de Maria ajuda o evangelista Marcos a professar a fé na divindade encarnada do Filho de Deus. Porém não termina aqui o testemunho de Maria neste evangelho. Para Marcos o Filho de Deus anuncia a Boa Notícia convidando seguidores e formando uma nova família (Mc 3,13-19). Essa nova família é constituída a partir daqueles que acreditam em suas palavras, aceitam o seu convite e “entram na roda” (Mc 3,31-35).

Também Maria é convidada a fazer esse processo. Jesus a convida a ser discípula, a entrar no círculo dos seguidores, a entrar na nova família, e com ela todos os seus parentes. Jesus rompe com os laços puramente humanos e convida a estabelecer novas relações. Relações baseadas na Palavra. Relações baseadas na proposta do Pai.

A mãe se torna discípula. Torna-se exemplo e convite ao discipulado de seu Filho.

### **Questões:**

1. Ler Mc 6,1-6. O que significa fazer Jesus participar de uma família tão grande?
2. Ler Mc 3,20-21. Quais os sentimentos de uma mãe diante de uma situação assim?
3. O que significa tornar-se discípulo(a) de Jesus como Maria (cf. Mc 3,31-35)?

### **3 A OUSADIA DE COLABORAR**

Jesus, o Filho de Deus, anuncia a Boa Notícia e chama ao discipulado. Ele não realiza sozinho esta atividade, mas o faz na força do Espírito Santo. No evangelho segundo Mateus vemos Jesus sendo ungido pelo Espírito por ocasião do batismo no Jordão (Mt 3,13-16). Importante aqui a forma assumida pelo Espírito. Ele desceu “como” pomba. A pomba simboliza o povo de Israel, a “Filha de Sião”, a “Esposa de Javé”. Este mesmo Espírito conduziu Jesus ao deserto (Mt 4,1), no qual o Filho de Deus passa quarenta dias e sofre tentações, como a indicar a necessidade de refazer a caminhada do povo. O povo caminhou quarenta anos no deserto e cedeu às tentações, construiu o bezerro de ouro, murmurou contra Javé; Jesus, na força do Espírito venceu as tentações. O evangelista Lucas indicará ainda que, na força do Espírito, o Senhor volta para a Galiléia e ensina (Lc 4,14s).

O Espírito Santo, companheiro do Senhor Jesus na missão, também suscitará colaboradores e colaboradoras na história do Povo de Deus.

#### **3.1 Colaboradoras do Divino**

No início do primeiro evangelho encontramos a genealogia de Jesus. A construção de uma história a partir de Deus. O evangelista enxerga um fio condutor que não é percebido por outros ao longo da história humana e nem mesmo na história da salvação, muitas e muitas vezes vista a partir da aliança. A perfeição das três vezes catorze gerações (sete + sete) é iluminada e perpassada, movida e sacudida pela ousadia de mulheres que se “atreveram” a colaborar com o divino, seguindo a intuição de “quebrar as regras”, de “fazer diferença”.

a) Tamar (Gn 38,6-26) é nora de Judá, Patriarca do povo de Israel. Viúva, enganada pelo sogro, sabendo-se enganada, vai atrás de seus direitos, não pelos meios mais “corretos”, por isso, é vista como prostituta. Mas ao mostrar de quem era a verdadeira culpa é chamada “mais honesta”.

b) Raab (Js 2,1-24; 6,17) é uma prostituta de Jericó que, mesmo sem conhecer o Deus de Israel, respeita-o e serve-o salvando os seus enviados, os seus “espiões”, colocando em risco a própria vida e a vida de sua casa. Ela ajuda o povo de Deus a conquistar a Terra prometida.

c) Rute (Rt 1-4) é uma mulher moabita, portanto, estrangeira. Mesmo tendo ficado viúva de um israelita e tendo sido desobrigada pela sogra Noemi, também viúva, decide não abandoná-la, indo para Israel e trabalhando com as próprias mãos para o sustento das duas. Conquista o direito de integrar o povo eleito.

d) Betsabéia (2Sm 11,1-27) é a mulher prostituída e feita viúva pelo rei Davi. Ela conquista do rei a promessa que seu filho, Salomão, seja o herdeiro do trono (1Rs 1,11-40), mostrando força em uma disputa difícil de poder.

### 3.2 A grande colaboradora

Maria quebra a própria genealogia. Não é José que gera Jesus. O evangelista diz “Maria *da* qual nasceu Jesus” (Mt 1,16). O escritor se vê obrigado a usar o feminino após uma longa lista de gerações indicadas pelo masculino, pois esse último nascimento não segue a mesma lógica. Esse nascimento é obra divina e conta com a colaboração de uma mulher. Esse nascimento é especial. Deus abre um novo tempo e um novo caminho. Deus inicia uma nova história permeada de colaboração.

Essa colaboração é ousada. Causa dúvidas em quem está próximo. José tem dúvidas. Talvez ele duvide por não compreender tanta coragem. Talvez ele duvide por não será capaz de tamanha ousadia. Apesar da dúvida, há reverência: “Não queria denunciar Maria, e pensava em deixá-la, sem ninguém saber” (Mt 1,19). Deixar Maria em silêncio é reconhecer o mistério, respeitá-lo, não o condenar, mesmo sem ter coragem de participar dele.

Mas essa colaboração audaciosa suscita o convite à participação, pois é colaboração com o Espírito Santo, é abertura ao projeto de Deus, é vivência do divino, mesmo que esteja “fora das normas” (Mt 1,20-21). Maria é a grande colaboradora do Espírito, é a jovem na qual se cumpriu a profecia (Mt 1,22-23), mas não é a limitadora do mistério. É a porta de entrada. Todos e todas são convidados colaborar também!

Questões:

1. O que significa crer em um Deus que nem sempre “cumpre as regras”, como o fez Maria?
2. Quais as conseqüências de colaborar com o Espírito Santo na vida pessoal e na vida comunitária?
3. A imagem de Maria que cultuamos em nossa comunidade ou em nossa devoção pessoal é a apresentada em Mateus? Quais as diferenças?

## **4 É POSSÍVEL UMA "NOVA" ALIANÇA**

A colaboração desejada por Deus não é imposta. Nasce de um convite. Deus fez uma aliança com seu povo. Ao longo da história foi alimentando essa aliança com a sua presença, sua bênção, sua promessa; também com a sua repreensão, através de pessoas que lembravam o povo do que houve no Egito, no deserto, na Babilônia e em tantos exílios e em tantas retomadas da Terra Prometida. Muitas vezes o povo criava a convicção que Deus não falava mais.

### **4.1 A Aliança entrou na monotonia**

O evangelista Lucas inicia seu relato descrevendo uma cena, na qual se deveria encontrar o máximo de fé e de vivência da aliança feita com Javé. Trata-se de um sacerdote, Zacarias, que está atuando no Templo, na hora do culto.

O Templo é o centro da vida religiosa de Israel. Ali se fazem os sacrifícios. Ali se celebra a Páscoa. Ali o povo recorda de sua história e da aliança feita no Êxodo, reafirmada ao entrar na Terra Prometida e refeita várias vezes ao longo a história. Este lugar sagrado está em Jerusalém, capital política, local do poder, das decisões, sede da ordem e da sabedoria. Os governantes deviam ajudar a manter a aliança. Isso foi dito várias vezes pelos profetas no Primeiro Testamento.

Voltemos para dentro do Templo. O povo está reunido, rezando, louvando, pedindo... Alguém, em nome do povo, entra no lugar mais reservado, para oferecer a dádiva de louvor, e recebe uma graça. Deus, através de seu mensageiro, fala com ele. O diálogo entre Deus e seu povo é retomado. Deus, enfim, não está calado! Uma mensagem de alegria: "Tuas preces foram ouvidas". A este ponto, deveríamos esperar uma reação de exultação, de alegria, de gratidão. Uma expressão de fé! Mas o que vem é o contrário, a máxima expressão de falta de fé: "Como vou saber se isso é verdade? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada" (Lc 1,18). Frase que é sinônimo de "Teu povo não acredita mais". Em pleno culto, no Templo, aquele que representa o povo demonstra falta de fé em Deus, pois somente enxerga a sua velhice, a sua fraqueza. Não confia mais na força de Javé, não acredita nas maravilhas que sua boca professa e pronuncia, recordando a história de seu povo.

Porém, da parte de Deus não é retirada a promessa, que se cumprirá no tempo certo.

#### 4.2 Deus reaviva a aliança

Em seguida o evangelista começa a falar de algo diferente. Meio ano depois um mensageiro é enviado a uma moça que mora em Nazaré, na Galiléia. O anjo de Deus é enviado para um lugar longe do centro das decisões religiosas, políticas e econômicas. Para a região dos que não são tão seguidores das normas! Para a "Galiléia das Nações" (Is 9,1). Para uma cidade que parece não gozar de boa fama: "Pode vir algo de bom de Nazaré?" (Jo 1,46).

Gabriel não é enviado a nenhuma autoridade civil, política ou eclesiástica. Não vai falar com um sacerdote, como era Zacarias. É enviado a falar com uma mulher, uma moça prometida em casamento. Uma jovem, portanto, ela não possuía nem mesmo a dignidade da maternidade. É enviado a um lugar que não é o espaço sagrado, pois ele entra onde ela está ( Lc 1,28). Lucas não deixa claro o lugar nem a ocasião, mas, devido à referência anterior, parece não ser nem local nem hora de culto e de oração. É possível que o autor queira colocar o leitor em outro ambiente. Também porque a mulher não tinha a obrigação da celebração, o que era dever do homem. O lugar comum para a mulher era a casa e seus afazeres. Ali entra o mensageiro, onde ela estava. Gabriel entra no lugar e na situação de vida em que Maria se encontra. Deus entra na vida desta mulher, como entra na vida do povo; entra na história. É no corre-corre da vida, em meio a todo o sofrimento e opressão de mulher nazarena, que Maria receberá a proposta de ser mãe. Deus não abandona quem nele espera e a ele clama, como no Egito.

#### Questões:

1. Ler Ex 3,7-15. Como é o Deus em que Maria crê?
2. O que nos faz pensar Deus escolhendo uma moça de Nazaré?
3. A arte representa Maria, muitas vezes, em oração. O texto de Lucas nos ajuda a ver outras cenas de nosso cotidiano mais próximas de Maria? Quais e por quê?

## **5 FAZENDO A NOVA ALIANÇA**

Maria é convidada a ser mãe no corre-corre da vida. Deus, como no Egito, entra na vida de Maria, em meio ao sofrimento da opressão, pois conhece essa realidade e decide pela libertação. Decide cumprir suas promessas a partir da realidade das pessoas que compõem o seu povo. Ele desce ao encontro e constrói desde baixo, pois tem compaixão.

No meio deste corre-corre vai se configurando, porém, uma liturgia, permeada de presença e de diálogo, culminando numa comunhão profunda. Deus e a mulher constroem a celebração da nova aliança.

### **5.1 Fazendo memória**

Ao entrar onde ela estava e saudando Maria com a expressão “Plenificada (cheia) de graça”, Deus inicia uma forma nova de presença que faz pensar. Perturba! A presença de Javé é esperada no lugar sagrado, diante dos homens, aqueles que representam o povo. O convite ressoa aqui e agora. Ela, na sua perturbação, abre-se ao diálogo. Não tem medo, como pede o mensageiro. Foi a escolhida, mas como será possível se não é casada, se não é representada por homem diante da sociedade e diante da religião. De fato, na sociedade israelita daquele tempo a mulher era completamente dependente do pai ou do marido. Maria, prometida em casamento, deixa clara a sua condição, já não é mais representada pelo pai e ainda não o é pelo esposo, como pode assumir um compromisso com Javé? Como pode celebrar algo se não tem quem a represente? Sem dizer: como pode ser mãe se não convive com homem?

Vemos o mensageiro divino fazendo a mesma função de Josué (Js 24) ao recordar o povo de sua história, porém, aqui de forma abreviada e vocacionalizada: “Deus mesmo agirá sobre ti. Olha o passado! O Espírito virá sobre ti como no início da criação, quando ele pairava sobre as águas e sobre a obra divina (Gn 1,2). O poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, como na tenda da reunião que acompanhava o povo na caminhada pelo deserto (Ex 40,34), mostrando a presença e a glória de Deus com ele. Assim, o filho que nascer de ti será Filho do Altíssimo” (Lc 1,35). E no resgate desta memória há a construção da novidade. Maria não precisa de alguém que a represente, pois Deus a escolheu, a elegeu, a consagrou, elevando-a e dignificando-a a condição de sujeito independente na relação.



No diálogo entre o anjo e a mulher celebra-se a liturgia da palavra, celebrando a memória histórica e atualizando a presença de Deus nessa história. Presença que renova a criação, a libertação e constituição de um povo. Para tanto, também novas relações deverão surgir. Maria é convidada a perceber a graça que contém em si mesma.

## 5.2 Fazendo comunhão

Esta graça é plenificada pela presença divina, pela atuação do Espírito Santo e pelo poder do Altíssimo, mas que “encontram” graça na criatura amada e eleita (Lc 1,30). Este é processo de engrandecimento. Maria não é estéril, é virgem, quem nos chama a atenção para este detalhe é Santo Ambrósio, no seu Comentário ao Evangelho de Lucas. Deus potencializa, plenifica, portanto, aquilo que Maria poderia ser: mãe. Ao longo da história nos acostumamos a ver Deus atuando na fragilidade limite da criatura, na esterilidade das mulheres e das comunidades, mas aqui Ele atua ainda na força em desenvolvimento, e a enche de graça. Esta atuação divina não aconteceu num acaso qualquer. Há um encontro.

O diálogo entre o mensageiro divino e a mulher vai revelando um desejo de ambos os lados. A curiosidade de aprofundar a relação, da parte de Maria, mostra o quanto ela ansiava entrar na realização das promessas de Javé, o quanto ela já vivia das esperanças de seu povo e da fé de Israel. Da parte de Deus, mostra a vontade de propor algo novo para acontecer o projeto criador.

O diálogo entre a mulher e Deus chega à comunhão plena, quando a criatura pronuncia a palavra criadora do Criador: “Faça-se” (Lc 1,38; cf. Gn 1,26), de modo que a Palavra se faz carne (Jo 1,14). Assim esta comunhão se torna missionária da parte de Deus e da parte da mulher (cf. Lc 1,39).

### Questões:

1. Com o simbolismo de Gn 1,2 e Ex 40,34, como podemos entender Lc 1,35?
2. Qual a grandiosidade da comunhão entre o “Faça-se” de Maria (Lc 1,38) e o “Façamos” do Criador (Gn 1,26)?
3. O que significa para as comunidades cristãs “Deus plenifica aquilo que Maria poderia ser”?

## **6 MARIA: SÍMBOLO DO POVO DE DEUS**

A comunhão que se estabelece entre a mulher e Deus, fazendo com que a Palavra se encarne (Jo 1,14), e a mulher parta apressadamente em missão (cf. Lc 1,39), também transforma Maria em símbolo do Povo de Deus.

A palavra “símbolo”, na teologia, tem sua origem na antiga tradição do pensamento e da cultura grega e significa algo que une. Assim é que a oração do creio é chamada de “símbolo da fé”, por ser a oração que evoca a unidade da fé cristã.

Mas, símbolo também é a realidade que, unindo, fala de realidades diferentes, de outras presenças, de outras possibilidades. O símbolo indica a existência de algo mais amplo. É novamente abertura ao mistério. Ele une e impulsiona. Chama e envia.

Símbolo, ainda, é algo que faz parar e contemplar, reverenciar o mistério. Ele introduz na relação amorosa com a profundidade humano-divina, tanto pessoal como comunitária.

### **6.1 Símbolo de missão**

Acostumamo-nos a ver na visita de Maria a Isabel a prestação de serviço solidário da jovem prima a parenta mais velha. Está correto, olhando de dentro da espiritualidade cristã. Mas não é este o ponto de partida do texto de Lucas. Este é o ponto final.

Encontramo-nos diante de uma mulher cheia de graça. Tão cheia de graça que não consegue conter-se em si, não consegue mais ficar trancada, parada... Mas assim não o é também o próprio Deus? O qual, não se contendo de amor em si mesmo, criou tudo e, mais ainda, encarnou-se, saindo de si mesmo, indo ao encontro das suas criaturas amadas? Maria, na comunhão plena com Deus, segue os passos de seu Senhor, tornando-se missionária. Essa atitude nasce de uma realidade nova, a qual Maria traz dentro de si. Ela não só porta uma nova vida em seu ventre, mas tem uma nova vida em si. O evangelista usa uma expressão para dizer isso, “anastasa” (no texto em grego), alguns traduzem por “levantou-se”, outros não traduzem mais, alguns chamam a atenção para a realidade que esta palavra traz: “continuando a ser ressuscitada”, pois é mesmo verbo usado para a ressurreição de Jesus em um modo continuado, significando a atuação permanente de Deus na vida dela, renovando constantemente a sua vida. É com essa vida renovada que ela parte apressadamente e inunda

com o Espírito a Isabel (Lc 1,41). Maria não retém para si o que recebera do divino Senhor, é dom a ser partilhado.

Ela é a nova Arca da Aliança. Arca que contém o dom divino, ao mesmo tempo em que o transmite, na comunhão com o Povo de Deus. A comunidade a reconhece como símbolo, porque recorda sua própria missão.

## 6.2 Símbolo de profecia

A vida nova não comporta esquecimento do passado, nem descuido do futuro. Maria lança a palavra profética enraizada na tradição, novamente fundamentada na comunhão com Deus. Seu cântico (Lc 1,46-55) relembra a fé e a esperança do povo de Israel em Javé, de modo particular dos fracos e pequenos.

Ela se faz herdeira de Miriam (Ex 15,20), irmã de Moisés, que entoava cânticos de libertação ao passar o Mar Vermelho em direção à liberdade.

Faz-se herdeira de Débora (Jz 4-5), a juíza que organiza o povo para buscar a libertação, e canta a vitória sobre o inimigo.

Maria se faz herdeira de Ana (1Sam 1,1-2,10), a mulher estéril, amada por seu esposo, mas desprezada e humilhada, que abre e derrama seu coração diante de Javé e tem sua prece atendida, cumprindo também de sua parte a sua palavra.

Seu cântico recorda de modo especial a ação de Deus na hora fundamental, constituinte do povo, na libertação. Está ligado à oração que todo israelita deveria fazer recordando sua história (Dt 6,21-25; 26,5-10; Js 24,1-13).

Porém, aqui, na boca de Maria, essas orações tomam força nova, pois é dito que Deus começa a mudar a realidade. O Filho está para nascer. Deus veio ao nosso encontro. Seu braço forte e santo nos trouxe a vitória. Ele não esqueceu suas promessas. Mas a comunidade necessitará fazer a sua parte, tornando-se missionária.

Assim Maria se coloca a serviço. Se não fosse missionária e não fosse profetisa seu serviço não teria a força que tem diante nós.

### Questões:

1. Ler e fazer o paralelo entre 2Sam 6,1-16 e Lc 1,39-45.56.
2. Comparar o cântico de Ana (1Sam 2,1-10) e o cântico de Maria (Lc 1.46-55).
3. À luz de Luc 1,39-56, de onde nasce o servir cristão?

## **7 MARIA MÃE DO HOMEM-DEUS**

A experiência das primeiras comunidades, aos poucos, vai se enfraquecendo. Como toda experiência, também a fé tem seu lado pessoal e temporal, devendo ser renovada, refeita, reavivada. Isso, porém, sem perder a herança recebida das gerações precedentes.

No primeiro anúncio, a força e a presença dos Apóstolos e de quem havia conhecido Jesus e os primeiros cristãos era muito forte. A perseguição inicial, tanto da parte dos judeus como da parte dos romanos, mantinha os cristãos unidos em torno da “sobrevivência” e em relação a um “inimigo” comum. Também essas realidades passaram. Chegou o tempo em que se podia rezar, se encontrar, viver a fé com tranquilidade.

A defesa da fé agora não encontrava um “inimigo” fora da comunidade, externo e perseguidor. A fé podia voltar-se para a reflexão sobre si mesma, aprofundar-se, contemplar-se. Inicia a dificuldade!

A experiência da fé em Jesus Cristo é a realização de um caminho que leva tudo a um centro unitário na pessoa de Jesus, criando a convicção total de sua divindade, confessando essa convicção com a palavra e com a vida, lançando-se no mesmo caminho.

### **7.1 Há quem não crê**

Nessa caminhada, há quem tenha a dificuldade de aceitar que Deus possa encarnar-se, tornar-se humano, como já vimos, querendo-o somente como espírito. A idéia de um Deus que sofre, se humilha, se abaixa para fazer comunhão e partilhar da vida dos pobres é inaceitável àqueles que não querem se “comprometer” com a vida fundada na mística da encarnação.

Um representante desse pensamento, que deu trabalho para a Igreja das origens, é Nestório. Ele não aceita que o Verbo divino possa sofrer, passar fome, crescer pouco a pouco (cf. *Decretos dos Concílios Ecumênicos*, p. 49), separando a divindade e a humanidade em Jesus. Para ele, quem sofre na cruz é o Jesus humano, mas não o divino, pois, Deus não sofre. Sua linha de pensamento vai se desenvolvendo até contestar um título dado a Maria já naquela época: “mãe de Deus”. Para ele, Maria é apenas mãe de Cristo, ou seja, mãe de um homem ungido por Deus. Ela não pode ser mãe da divindade, pois a divindade não pode misturar-se

com a matéria, com o que é mau. Por trás de sua reflexão está o pensamento gnóstico que tudo separa entre bom e mau, esquecendo que Deus pode santificar aquilo que criou. Nestório, ao contrário de Maria, não é capaz de crer no poder divino, está mais na linha de Zacarias (cf. lição 03).

## 7.2 Há quem crê

São Basílio entra em diálogo com Nestório, através de cartas, refletindo sobre a fé num Jesus Cristo, Verbo encarnado, pessoa humana e divina. Para ele, Deus pode entrar na história e em comunhão profunda com a criatura porque ama a obra de suas mãos.

O Verbo encarna-se. O Filho de Deus torna-se verdadeiramente humano. O filho de Maria não é apenas um ungido, um grande profeta, mas é o Filho do Altíssimo. Ele não tem a necessidade de nascer uma segunda vez, pois já existe eternamente junto do Pai, mas assume a natureza humana no ventre de Maria, para cumprir o projeto de amor salvífico, entrando na história e padecendo tudo o que é próprio dos seres humanos. Acolhe a caminhada humana, diríamos nós hoje: é alimentado, trabalha, sente frio, é morto na cruz. Como Verbo divino não pode sofrer, diz Nestório, mas, afirma Basílio, porque assumiu verdadeiramente um corpo humano sofre a dor, padece a morte. É também nesse corpo que Ele ressuscita.

Para resolver a questão é convocado o Concílio de Éfeso, em 431. Ali se aprofunda a discussão em torno da pessoa de Jesus Cristo, de sua natureza humana e divina, que apesar de não se confundirem, estão intimamente unidas nele. Este concílio assumirá as idéias de Basílio e reprovará Nestório. Maria surgirá, conseqüentemente, como aquela que garante a encarnação do Verbo divino. Se a divindade assume a natureza humana, o faz através desta mulher. A encarnação é central na fé (cf. 1Jo 4,2), de modo que Éfeso conclui: a santa Virgem é mãe de Deus porque gerou segundo a carne o Emanuel (DZ 252).

### Questões:

1. Ler Jo 1,1-18 e 1Jo 4,1-2. Que conseqüências práticas há para as comunidades cristãs crer em Deus verdadeiramente encarnado?
2. Quais valores catequéticos devem ser ressaltados a partir do título “Mãe de Deus”, dado a Maria?
3. Quais pastorais ou quais ações concretas a maternidade divina de Maria ilumina os cristãos a praticarem?

## **8 A QUESTÃO DA VIRGINDADE**

Maria, em sua maternidade, se tornou para nós uma pessoa especial, importante e pura. Muitas vezes, intocável e inquestionável. Quando mexemos nos dogmas marianos, mexemos na estrutura da fé de muitos cristãos. Portanto, é importante procedermos com reverência e respeito.

O dogma da virgindade perpétua de Maria, ao longo da história do cristianismo, nem sempre foi bem compreendido, menos ainda bem usado na evangelização, porque tirado de seu contexto cristológico-salvador e carregado de uma carga puramente moralizadora, principalmente sobre a mulher.

### **8.1 Virgem e Mãe**

Chama a atenção na doutrina cristã que a virgindade de Maria vem acompanhada de sua maternidade. Ela é virgem e mãe. Isso causa dificuldades para muitos! De modo especial para quem pensa a virgindade somente do ponto de vista físico-genital. Como pode a Igreja dizer que Maria é virgem e ter gerado um filho? Que ela o fosse antes da concepção ainda é aceitável! Mas com o nascimento do filho? Não há espaço aqui para essa discussão. Também sobre a virgindade depois do parto. Maria teria ou não mantido relações com seu esposo José? A Bíblia se cala sobre o assunto. A tradição se coloca do lado da virgindade perpétua por causa do Cristo. O Filho dela é o centro da doutrina. Sua vida é colocada toda em relação a Ele. Ele é Deus e homem. Para os primeiros teólogos da Igreja, a virgindade de Maria é garantia da divindade e da humanidade do seu Filho, pois sendo ela virgem, Ele só pode ser Filho de Deus, concebido por obra do Espírito Santo, como rezamos no Símbolo da fé. Enquanto a humanidade da mãe dá ao filho a carne humana, o fato de ela ser virgem garante aos homens a divindade de seu filho. A grandiosidade dessa obra marca a vida da mãe para sempre. Maria é virgem porque seu Filho é Deus. Não é virgem porque fez um voto de castidade, ou porque lutou para manter a virgindade. É virgem na relação com seu Filho, na relação com a cristologia. É virgem para que a divindade de seu Filho seja engrandecida.

Essa maternidade virginal, porém, não pode ser vista somente do ponto de vista físico, nos deixando entrincheirados em batalhas “dogmáticas” para salvaguardar a honra de Maria.

Destituí-la de sua humanidade é desonrá-la. Sua virgindade é fecunda, é materna, porque vai além do físico. Ela coloca-se em movimento. Todos os textos bíblicos que nos falam de Maria nos mostram esta mulher em atividade, em diálogo, em relação. Vemo-la sair às pressas para visitar e servir (Lc 1,39.55); preocupada com seu filho (Lc 2,48); preocupada com a festa (Jo 2,3); acompanhando a missão (Jo 2,12); acolhendo o discípulo amado (Jo 19,26); entre os discípulos assíduos na oração (At 1,14). Encontramos Maria em relação com pessoas concretas, partilhando sentimentos, vivendo situações e buscando soluções, tomando atitudes a partir do que os outros vivem e sentem.

## 8.2 Re-significando o dogma

Não quero desmerecer a luta pela liberdade da pessoa e do indivíduo. Nem quero diminuir a autonomia da escolha de cada um. Quero apenas convidar para olharmos um pouco para fora de nossas próprias vontades e, por um instante, deixar-nos tocar pelos sentimentos dos outros.

Quando falamos de valores como a virgindade, sentimentos contrários vêm ao calor do debate e afloram bandeiras como: liberdade de escolha, modernidade, novos tempos...

Hoje, ao falarmos de virgindade a colocamos como um tabu sexual a ser superado, pois a associamos a anos de repressão feminina na educação, na sociedade e na religião. A virgindade se tornou sinônimo de submissão e de coisa retrógrada. No entanto, há grupos que estão redescobrimdo o valor desta integridade.

Quando relativizamos a virgindade e a entendemos somente como um pedacinho do corpo, é porque não valorizamos mais ao corpo todo. Não damos mais valor àquilo que Deus viu que era “muito bom” (Gn 1,31). Ela não pode ser entendida somente numa perspectiva. A integridade do corpo da mulher e do homem, interdependentes, sem submissão, exploração e opressão, mas também interdependentes da mãe natureza e, acima de tudo, de Deus. Assim essa virgindade será fecunda maternidade, generosa doação de si, geradora de vida.

### Questões:

1. Por que é importante teologicamente a virgindade de Maria?
2. Por que é importante recuperar o sentido cristológico-salvador deste dogma?
3. Mesmo não tendo sido tocada nesta lição, como fica a questão dos “irmãos” do Senhor?

## **9 DEUS AINDA FALA COM SEU POVO**

Muitas vezes temos a sensação, ao lermos a Sagrada Escritura, de que Deus outrora falava diretamente com os profetas e com as pessoas do povo e que agora não o faz mais. Parece que Ele está calado! Necessitamos estar sempre interpretando os seus sinais para desvendarmos os seus mistérios. Precisamos sempre recorrer ao passado para conhecer a vontade divina.

Isso pode gerar um sentimento de angústia ou de cansaço, mais ainda para a geração da comunicação e da velocidade de informações.

Será que Deus não fala mais? Será que Ele não se revela mais?

O Concílio Vaticano II nos ensina que toda a revelação se dá em Jesus Cristo (DV 2-4), mas que nós vamos descobrindo aos poucos essa revelação, ou seja, nós vamos entendendo pouco a pouco a mensagem de Deus, dita uma vez por todas através do Verbo encarnado. Essa plenitude da revelação, porém, não significa que Deus cessou de atuar entre seu povo e na história.

### **9.1 A Imaculada**

No dogma da Imaculada Conceição encontramos Deus a nos falar de seu plano redentor. Ele nos revela como Trindade Santa, a extensão do seu amor, capaz de doar-se e entregar-se de tal modo a fazer da criatura alguém importante no centro de seu projeto.

Esse projeto original prevê a encarnação do Filho divino e para tanto antevê o ser humano, na figura da mulher como mãe, aquela que deve gerar humanamente o modelo de toda a criação.

Deus constrói a história como salvação, desde o início pensando a participação de todos na sua glória, mas para tanto constitui o ser humano como criatura livre e consciente, correndo o risco da resposta negativa e da ruptura da relação. De fato, é o que se constata na caminhada do povo da Deus. Porém, nesta mesma liberdade e consciência vai se preparando a retomada da relação, restabelecendo-se a aliança com Deus em muitos momentos e de muitos modos. Chega o momento, a plenitude do tempo (Gal 4,4), em que Deus infunde por sua



vontade livre, a sua graça em uma mulher, levando em conta antecipadamente os méritos de seu Filho, redimindo-a de qualquer culpa, mas deixando-a livre.

Em Maria, Deus retoma a originalidade de seu projeto. Ele nos fala de novo do plano da salvação. Mesmo infundido a sua graça, nos deixa livres. Redime pelos méritos de Cristo, mas não nos tira a consciência e a vontade. Maria é concebida sem pecado, nasce e cresce na graça do Senhor, mas deverá fazer a sua opção, será consultada (cf. Lc 1,26-38).

## 9.2 A Assunta

O dogma da Assunção de Maria é outra vertente do diálogo de Deus com seu povo. Não encontramos na Sagrada Escritura o texto que conta este acontecimento, mas nela encontramos a esperança para crer e manter esta fé.

Maria, levada aos céus “em corpo e alma”, inserida na eternidade em sua completude humana, na sua plenitude como criatura, revela a grandeza do amor do Criador, a amplitude da obra do Redentor e a largueza da ação do Santificador. A Trindade fala ao elevar a Virgem! Deus se revela nesta ação!

Aquela que gerara humanamente o Filho do Altíssimo não poderia ser abandonada à corrupção do sepulcro. Deus, em sua misericórdia e afeto paterno e filial, em seu amor infinito, faz a mãe participar do mistério do seu filho, pela ressurreição e entrada no Reino, aumentando a esperança dos fiéis, os quais vêem nela já realizada a promessa feita a todos os batizados (Mc 16,16). Assim, Deus fala da promessa e fala de si como aquele que cumpre a promessa.

Maria passa pela morte, mas não fica sujeita a ela. Como seu filho, é vencedora. Torna-se exemplo vivo colocado pela Trindade diante da comunidade dos fiéis. Olhando para a mãe do Redentor, os filhos de Deus se colocam a caminho do Reino com confiança. A morte não é a última palavra. Deus continua falando. Fala da vida. Mas vida que não é somente espiritual, é também corporal. Ao proclamar a fé na assunção do corpo, a Igreja assume a responsabilidade de cultivar o cuidado por ele e, com ele, por toda a criação.

### Questões

1. Que imagem de Deus nos é revelada através do dogma da Imaculada?
2. Como o dogma da Assunção pode nos inspirar no cuidado com a criação?
3. A morte hoje é angustiante e “sinônimo” de violência. Como Maria nos ajuda a superar essa visão?

## **10 CELEBRAR MARIA É CELEBRAR A VIDA COM DEUS**

Celebrar a liturgia é celebrar o Mistério Pascal de Cristo na vida da Comunidade dos Fiéis. A Celebração Eucarística torna-se o ponto de chegada e o ponto de partida de toda a vida da comunidade em comunhão com o seu Senhor (SC 10). Nessa comunhão está inserida Maria, sua vida, sua presença no mistério, sua participação.

A presença de Maria na celebração litúrgica ajuda a comunidade a aprofundar o mistério de Cristo, do qual a própria comunidade participa como corpo místico.

Na celebração evidenciam-se as características desta unidade mística entre os membros do corpo de Cristo, características que se expressam no âmbito eclesiológico, antropológico, missionário, devocional... Assim, participar da liturgia é atuar numa ação que deixa transparecer a identidade mais profunda da comunidade dos fiéis, ao mesmo tempo em que se recebe a alimento para ir adiante, descobrindo algo novo em relação a si, vinda do encontro fecundo do mistério com a vida.

Por ocasião do ano jubilar de 2000 foi editada “*La raccolta delle messe della Beata Vergine Maria*”, colocando em um único livro quarenta e seis formulários litúrgicos de celebrações marianas, divididos conforme o tempo litúrgico e procurando ressaltar a participação de Maria no mistério de Cristo e da Igreja.

### **10.1 No mistério de Cristo**

A liturgia mariana é carregada da conexão existente entre Mãe e Filho. A Igreja celebra com veneração e profundidade a participação de Maria no mistério do Redentor, vendo-a a Ele subordinada e com Ele cooperadora.

A maternidade divina aparece em vários textos e de muitas formas, colocando em luz a sua eleição, sua consagração, seu sim, sua dedicação... Mas não é só a maternidade que a une ao Senhor Jesus. A liturgia a celebra como aquela que acreditou, acolheu e meditou a palavra, colocando em prática a vontade do Pai.

Maria resplandece como a mulher peregrina na fé que vive a maternidade física, o discipulado de seu Filho, o serviço do Senhor e maternidade espiritual.

Desse modo, a comunidade celebrante vê iluminada a sua própria caminhada, e reencontra, em cada liturgia, o mistério de sua peregrinação e comunhão com o mistério de Cristo. A exemplo de Maria, aprofunda sua conexão com o seu Senhor, através da ação do Espírito, crescendo em direção ao Pai.

A assembléia orante une-se a Mãe em sentimento filial, ouvindo dela o convite a entregar-se ao Senhor: “Façam o que ele mandar” (Jo 2,5), encontrando em Maria aquela missionária que indica o caminho para participar da vida em Deus. Ela caminha com o povo celebrante, pois reza, medita, escuta e vai à frente nesse peregrinar pelos caminhos do Senhor. Primeira entre os irmãos, penetra no mistério do seu Filho, convidando os demais a fazerem o mesmo.

## 10.2 No mistério da Igreja

A celebração também ressalta a conexão de Maria com a Igreja. A partir de sua maternidade espiritual participa da geração dos novos filhos e filhas de Deus, confiados a ela aos pés da cruz, qual mãe amorosa. A Igreja vê nela o sinal de sua missão materna no suscitar e cuidar dos chamados à filiação divina. Através dos sacramentos e do anúncio da palavra vai cumprindo seu papel de mãe qual Maria, rainha dos apóstolos e mãe da Igreja, nascente e orante em Pentecostes.

Maria é celebrada como o tálamo nupcial, do qual sai o Esposo (Cristo) ao encontro da esposa (Igreja), por ter ela cooperado no nascimento do Verbo e da Igreja, através de sua fidelidade ao Pai e ao Filho no Espírito Santo.

Na relação sponsal de Maria com a Trindade, a Igreja vê iluminada a sua relação de esposa de Cristo, unida nos laços do Espírito ao seu Esposo, levando seus filhos ao Reino do Pai.

A face materna e sponsal de Maria revela a face materna e sponsal da Igreja. Daqui nasce a dinâmica da acolhida, da preocupação solidária, do atrevimento em dar a vida pelos seus filhos e suas filhas, celebrando Maria no cotidiano, como auxiliadora, mãe do bom conselho, advogada e tantos outros títulos que lembram a missão da própria Igreja no cuidado concreto dos fiéis, sem esquecê-la como “porta do céu”.

### Questões

1. Quais os traços marianos fundamentais a serem ressaltados numa celebração litúrgica?
2. Celebrando Maria, quais atitudes deveriam ser ressaltadas para a vida da comunidade?
3. Como organizar a celebração litúrgica mariana sabendo que Maria aponta para a Trindade?

## **11 “EM TUA LUZ CONTEMPLAMOS A LUZ” (Sal 36,10)**

“Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho” (Sal 119,105). A palavra divina nos faz viver, ilumina-nos, guia-nos no caminho em direção ao Reino. A Palavra entra nas nossas vidas, pois se faz carne, colocando sua tenda em nosso meio. A tenda, porém, é frágil, deve ser recosturada de tempos em tempos, pois o sol, a chuva e os ventos a danificam. Assim é a nossa vida, somos vasos de barro que guardam o tesouro (2Cor 4,7). Nossa fragilidade aumenta a fragilidade da presença do Verbo entre nós. No entanto, é na fragilidade que se encontram as possibilidades de ir além, pois ela traz consigo também a busca de soluções, a liberdade da audácia, a ousadia de renovar, construir e solidificar relações embasadas na solidariedade. A fragilidade nos faz dar as mãos uns aos outros.

Essas características nós a encontramos na relação com Maria. A Palavra nos ilumina nesta relação. A maior riqueza, todavia, da mística mariana reside na vivência da palavra divina pela devoção popular. Aí se encontra uma comunhão com Maria que ultrapassa as fronteiras do racional, criando laços afetivos profundos e sinceros.

A vivência da fé neste nível aconchega-se na figura materna da Virgem de Nazaré. Esta é a grande vertente da relação com Maria: ela é venerada, procurada, admirada como mãe. A mãe que acolhe, protege, entende...

### **11.1 A maternidade**

A Bíblia nos apresenta Maria como mãe. Uma mãe valente, que ousou aceitar o convite de Deus, mesmo que isso significasse correr riscos diante da lei, da sociedade e de seu noivo. Uma mãe preocupada com seu filho diante do que se dizia dele e diante do que acontecia com ele. Uma mãe que se torna discípula de seu Filho, porque já se fizera serva do Senhor. Uma mãe que não deixa de cantar profeticamente a esperança em seu Deus, tendo consciência da opressão sua e de seu povo.

A maternidade de tantas mulheres nos ajuda a entender a maternidade de Maria. A ligação entre a mãe e seus filhos não é somente um laço afetivo forte que os une, faz também a mulher ver o mundo sob outro prisma. Ela é geradora de vida. Mas a geração não se limita a dar à luz: nasce um sonho, o de fazer um mundo novo, apropriado para a vida acontecer.

A maternidade de Maria vem inspirar este sonho. Maria não é mãe conforme as convenções de seu tempo. Ela também passou pelo dilema: ser mãe como as outras, aceitando o determinado pela sociedade, ou aceitar a proposta de Deus, a novidade? Ela opta pela segunda alternativa. Confia que será possível uma nova vida, a partir de uma decisão pela maternidade criativa. Sua opção a fará mãe das dores, e também mãe dos viventes.

## 11.2 Aprofundando a Devoção

É nos momentos de angústia e de dor que mais se recorre à Mãe de Deus. Ao vê-la aos pés da cruz, muitas pessoas reconhecem nela a capacidade de compreender a própria desventura. Ela, como muitas mães, sabe o que é ver o filho ser morto. A vida abre a compreensão do coração mariano. Um coração atravessado pela lança da dor torna-se o coração advogado de tantos sofredores. Esse coração materno e ferido participa da dor do Crucificado, que também teve o coração, além do corpo, aberto dolorosamente pela lança.

É à luz dos sofrimentos do Filho que será possível entender o sofrimento da mãe, também isso a vida ensina. As mães sofrem quando seus filhos sofrem! É a vida dos filhos que alarga os horizontes das mães, até verem o próprio Deus. Por isso, engloba, ao mesmo tempo, o lado belo da vida.

Os devotos de Maria aprendem a louvar e engrandecer a Deus, mesmo em meio às dificuldades, pois ela aponta para aquele que pode verdadeiramente transformar a vida. Seu Filho a fez ser totalmente ligada ao divino. Sua atitude de guardar tudo no coração e meditar, não é atitude passiva, mas de quietude de quem se dispõe a aprofundar sua relação com Deus e transformar a própria vida e a do mundo, colocando-se em ação.

Questões:

1. Quais aspectos marianos ajudam a percorrer o caminho para Deus em meio à fragilidade?
2. Como a devoção popular ajuda a aprofundar o conhecimento sobre Maria?
3. Olhando para a sua própria devoção, em que aspectos você cresceu ao longo desses 10 encontros?

## BIBLIOGRAFIA

ÁLVAREZ, Carlos G. **Maria discípula de Jesus e mensageira do Evangelho**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005.

BEATTIE, Tina. **Redescobrimo Maria a partir dos evangelhos**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOFF, Clodovis. **Introdução à mariologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOFF, Lina. **Mariologia**: interpelações para a vida e para a fé. Petrópolis: Vozes, 2007.

CALERO, Antonio Maria. **María en el misterio de Cristo y de la Iglesia**. Madrid: CCS, 1990.

**Compostella**: Messale per la vita Cristiana. Vol. IV. Messe della beata Vergine Maria. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1996.

GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey. **Figlio di Dio. Figlio dell'uomo**: "Il quale fu concepito di Spirito Santo, nacque da Maria Vergine". Milano: San Paolo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mariología**. 3 ed. Madrid: BAC, 2001.

JOÃO PAULO II, Papa. Retemporis Mater. In JOÃO PAULO II, Papa. **Encíclicas de João Paulo II**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 381-465.

\_\_\_\_\_. **La catechesi mariana di Giovanni Paolo II**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.

LORSCHIEDER, Cardeal Dom Aloísio. **A teologia a serviço da pregação e da vida**. São Paulo, Paulinas, 2006, p. 113-128

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2004.

PAULO IV, Papa. Marialis cultus. In **Enchiridion Vaticanum 5**: Documenti ufficiali della Santa Sede 1974-1976. 6 ed. Bologna: EDB, 2000, p. 42-427.

\_\_\_\_\_. Signum magnum. In **Enchiridion Vaticanum 2**: Documenti ufficiali della Santa Sede 1963-1967, 9 ed. Bologna: EDB, 2000, p. 980-1003.